
Notas para pensar a presença ibérica na obra de José Saramago

*Notes for thinking about the iberian presence in the work
of José Saramago*

Silvio Renato Jorge

Universidade Federal Fluminense / CNPq

DOI

<https://doi.org/10.37508/rcl.2023.nEsp.a896>

RESUMO

Este artigo pretende refletir sobre o significado da questão ibérica em obras de José Saramago, sobretudo acerca da forma como essa perspectiva colabora para uma análise densa dos sistemas totalitários que ocuparam Portugal e Espanha por longo período e de como o imaginário por eles construído ainda se apresenta como um paradigma a ser questionado. Nesse sentido, indicará formulações presentes, por exemplo, em *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (1984), *A Jangada de Pedra* (1986) e *n'As Pequenas Memórias* (2006), compreendendo que o reiterado exercício crítico do autor propôs, com vigor, uma problematização das identidades culturais ibéricas e da forma como tais identidades dialogaram com as existentes em outros espaços geopolíticos. Destina-se, assim, a pensar o transiberismo de uma forma ampla, percebendo que, por meio dele, Saramago estabeleceu uma análise sociocultural dos distintos enlaces estabelecidos pelos países ibéricos, valorizando as tensões e o forte dinamismo presente no agenciamento de tais relações.

PALAVRAS-CHAVE: José Saramago; *A Jangada de Pedra*; *As Pequenas Memórias*; *O Ano da Morte de Ricardo Reis*; transiberismo.

ABSTRACT

This article intends to reflect on the meaning of the Iberian question in the works of José Saramago, especially on how this perspective contributes to a dense analysis of the totalitarian systems that occupied Portugal and Spain for a long period and how the imaginary constructed by them still presents itself as a paradigm to be questioned. In this sense, it will indicate formulations present, for example, in *The Year of the Death of Ricardo Reis* (1984), *The Stone Raft* (1986) and *Small Memories* (2006), understanding that the repeated critical exercise of the author proposed, with vigour, a problematization of Iberian cultural identities and the way in which such identities dialogued with those existing in other geopolitical spaces. It is intended, therefore, to think about trans-Iberism in a broad way, realizing that, through it, Saramago established a socio-cultural analysis of the different links established by the Iberian countries, valuing the tensions and the strong dynamism present in the agency of such relationships.

KEYWORDS: José Saramago; *The Stone Raft*, *Small Memories*; *The Year of the Death of Ricardo Reis*; transiberism.

Em artigo recentemente publicado com o título de “José Saramago, transiberista” (2020), Antonio Saéz Delgado indica: “José Saramago é, portanto, não apenas um dos nomes incontornáveis quando falamos de iberismo, como, provavelmente, o último iberista. Mas, poderíamos interrogar-nos, e julgo que com toda pertinência: o último iberista de que iberismo?” (DELGADO, 2020, p. 48). Diante das diversas e distintas acepções tomadas pelo termo ao menos nos últimos dois séculos, sabemos ser acertada a interrogação proposta por Delgado, sobretudo ao considerarmos que frequentemente o autor português tem sido associado apenas à esfera do iberismo cultural, quando nos parece que, de modo efetivo, como já o disse o pesquisador da Universidade de Évora, ao seguirmos aquilo que por ele foi dito em entrevistas e opiniões dispersas, ocuparia também, e de forma enfática, uma esfera política e, acrescento eu, social. Ao ler Saramago, é necessário ter sempre em conta a perspectiva política

e humanista com que reflete acerca do homem e dos sentidos da existência, perspectiva essa que, não sendo partidária, em seu sentido mais redutor, é sempre aberta a se posicionar diante do mundo mediante um olhar inquiridor e politicamente centrado.

A ideia de um transiberismo, como apresentada por ele, busca colocar em diálogo os diversos nacionalismos existentes na península, aproximando-os ainda dos demais povos falantes do português e do espanhol que um dia estiveram sufocados por sua condição colonial. Se, de um lado, apresenta uma interface com o que dizia Fernando Pessoa em seu texto “Problema ibérico” (s.d.), o qual já destacava não apenas a presença árabe na formação cultural da península, como também enfatizava as especificidades das culturas catalã e galega; por outro lado, em muito o ultrapassa, ao tentar escapar de certo discurso imperialista/colonialista ainda presente no autor de *Orpheu*, que se materializava, sobretudo, em uma concepção datada de conceitos como civilização e “unidade espiritual”. No prólogo que escreve para o livro *Sobre el iberismo y otros escritos de literatura portuguesa* (1990), de César Antonio Molina, intitulado “Mi iberismo”, Saramago, recorrendo a termos como *constelação* e *encontro*, aponta para a estreita ligação existente entre os povos ibéricos e entre estes e os por ele chamados de “povos do ultramar”, sem, contudo, propor uma relação de dependência, buscando fugir à matriz econômica e à força do capital que têm norteado as relações entre o norte e o sul global. Constrói, assim, em suas breves palavras – pois se trata de um prólogo de poucas páginas –, um enlace outro, que percebe as possibilidades de aproximações culturais menos redutoras ou singularizantes, que considerem o conhecimento mútuo e novas esferas de circulação. O conceito de transiberismo é, portanto, como apresentado por ele, um movimento que procura aproximar, de forma independente, povos distintos, autônomos, que possuem lastros culturais passíveis de interlocução, fugindo a princípios ho-

mogeneizadores tão presentes quando pensamos as relações políticas e econômicas que têm procurado moldar o mundo nas últimas décadas. Como bem o disse Edward W. Said, ao discutir a sua própria atuação na sociedade norte-americana como homem pensante durante a Guerra do Golfo,

Isso está longe de ser uma tarefa fácil: o intelectual encontra-se sempre entre a solidão e o alinhamento. (...) Mas, a meu ver, a tarefa do intelectual naquele momento era desenterrar o que estava esquecido, fazer ligações que eram negadas, mencionar caminhos alternativos de ação que poderiam ter evitado a guerra e o consequente objetivo de destruição humana. (SAID, 2005, p. 35).

Sendo um intelectual que sempre recusou o alinhamento com os poderes estabelecidos e, pelo que dele conhecemos, não temeu enfrentar a discordância, coube a Saramago a aparente solidão de alguém que questionou a eficiência de um caminho europeu para Portugal na década de oitenta, um caminho, entretanto, que, com o tempo, a cada passo, mostra-se mais complexo e imprevisível. Como disse o próprio escritor,

(...) vieram, repito, para me ensinar que tais visões eram anacronicamente curtas, que se eu quisesse ser um homem do meu tempo eu teria que continuar a jurar pela Europa, mesmo que eu não soubesse exatamente, nem eu nem eles, que Europa é aquela que parece nos amar tão bem. Resumindo: ser ibérico era equivalente, ou equivale, a beirar perigosamente a traição, ser europeu representa o toque final da perfeição e o amplo caminho para a felicidade eterna. (SARAMAGO, 1990, s./p., tradução nossa)¹.

¹ No original, “[...] acudían, repito, a enseñarme que tales visiones eran anacrónicamente cortas, que si yo quería ser un hombre de mi tiempo tenía que pasar a jurar por Europa, aun no sabiendo exactamente, ni yo ni ellos, qué

Não é pretensão deste artigo, tendo como base tais considerações, apenas estabelecer um elenco das personagens que, povoando os romances do escritor português, são-nos apresentadas como galegas ou espanholas, por exemplo, como podemos encontrar n'*A Jangada de Pedra* (1986), no *Ano da Morte de Ricardo Reis* (1984) ou mesmo n'*As Pequenas Memórias* (2006), mas esboçar um processo de compreensão que nos ajude a situar o modo como o autor refletiu sobre o espaço comum ibérico e sobre o necessário trânsito oceânico para compor perspectivas de diálogos futuros.

Sempre me pareceu ser um projeto muito claro de parte da obra de Saramago, sobretudo daqueles romances inseridos em seu momento inicial, estabelecer uma reflexão crítica acerca do Estado Novo, não propriamente em termos daquilo que representou como um momento histórico, mesmo que sua atenção também se volte para isto, mas em termos da constituição de princípios e traços socio-culturais que, arraigando-se em tal período em virtude do próprio esforço empreendido pela máquina ideológica do estado, poderiam permanecer – se é que efetivamente não permaneceram... – para além dos anos em que a sombra da velha senhora ocupou o centro do poder instituído. Seu olhar, seguindo por este caminho, sondou os elementos mais virulentos que acompanharam a sociedade portuguesa de então, como a censura e a tortura física aos opositores do regime – a mão de ferro com luva de pelica, como é dito n'*As pequenas memórias* –, enfrentando, todavia, de modo mais marcante, outros princípios capazes de se imiscuírem no caldo da cultura de forma bastante persistente, de modo a permanecerem: a religiosidade tacanha, uma concepção fechada e idealizada da história nacio-

Europa es ésa que tan bien parece querernos. En resumen: ser ibérico equivalía, o equivale, a rozar peligrosamente la traición, ser europeo representa el toque final de la perfección y la vía ancha para la felicidad eterna.”

nal ou mesmo certa percepção de identidade que mascara o diverso para centrar-se no conceito enganoso de unidade.

Dessa forma, seria interessante tentar perceber o quanto a proposta de transiberismo convocada pelo autor a partir de *A jangada de pedra* – mas já insinuada em obras anteriores – possui um sentido dúplice: por um lado, como já apontamos antes, problematiza a entrada de Portugal e Espanha em um grupo que parece a eles destinar um lugar secundário nos processos ativos de determinação econômica e que, em termos culturais, parece desconhecê-los; por outro, aprofunda a investigação de tais princípios persistentes nessas sociedades, que assinalariam toda uma série de problemas derivados de um processo histórico talvez ainda mais longo, preso ao imaginário colonial e que, sendo entendido como elemento de base na constituição de tal imaginário, seria aquele que permitiria a Portugal ver-se como parte integrante de uma almejada cena europeia, ou seja, instituir-se novamente como centro no jogo de poderes que há tanto tempo o deslocou para a margem da mesa de negociações.

Para dar conta do primeiro sentido, seria importante lembrar o que nos disse o próprio escritor, no texto intitulado “Meditação sobre uma jangada”, inicialmente publicado no jornal francês *Libération* e, mais tarde, traduzido para a revista *Blimunda*, da Fundação José Saramago, no qual afirma:

Suponho que estamos vivendo o tempo em que a Europa deveria apresentar a juízo o balanço da sua gestão, se não pretende prolongar, com o requinte de processos que os modernos meios de comunicação de massa permitem, o seu pecado ou vício maior, que é a existência de duas Europas, a central e a periférica, mais o consequente lastro histórico de injustiças, discriminações e ressentimentos. Já não falo das guerras, das invasões, dos genocídios, das eliminações selectivas, falo sim da ofensa grosseira que é, além dessa espécie de deformação congénita denominada eurocentris-

mo, aquele outro comportamento aberrante que consiste em ser a Europa, por assim dizer, eurocêntrica em relação a si mesma. (SARAMAGO, 2016, p. 100-102).

Pensando a Europa a partir da esfera econômica, mas não apenas, Saramago destaca o “lastro histórico de injustiças, discriminações e ressentimentos” para enfatizar a forma como o centro do continente eurocêntrico – desculpem-me o jogo rasteiro e óbvio de palavras – se relaciona com sua incompreendida margem sul, latina e empobrecida, consumidora da certa modernidade que nem sempre chega a produzir. Ao comentar este mesmo fragmento, em texto de 2016, Burghard Baltrusch nos lembra que

Nos trinta anos que Portugal e Espanha estão agora na CEE e na UE, nivelaram-se muitas diferenças econômicas e administrativas, mas também culturais. A visibilidade e o conhecimento das culturas ibéricas nas grandes potências europeias, e na UE em geral, têm certamente aumentado. Mas também presenciamos uma crescente desconfiança dos países do Centro-Norte em relação aos países do Sul, frequentemente acusados de serem demasiado corruptos, dispendiosos e preguiçosos. (BALTRUSCH, 2016, s. p.).

Se as palavras do pesquisador ponderam sobre o discurso do escritor, modalizando a acidez nele presente em virtude da atualização do panorama analisado, não deixam, contudo, de levar em conta a permanente complexidade de relações políticas e culturais que atravessam a vivência coletiva do que seria a “encantada” comunidade. Nunca é demais lembrar o quanto o enlace comunitário é por ele mesmo, conceitualmente, excludente, trabalhando por apagar diferenças e especificidades, por imunizar o mesmo do outro. E já aqui me parece interessante migrar para uma discussão acerca do segundo sentido que poderíamos aventar para o transiberismo saramaguiano, que é o de colocar em discussão os princípios que por

muitos anos formularam um modelo de identidade nacional portuguesa refratário aos demais povos peninsulares, ensimesmado em sua própria singularidade, composto por homens que estão sós, “orgulhosamente sós”², no concerto das nações. A chave que aqui me motiva é notar que o deslocamento da península para o sul do Atlântico, como ocorre em *A jangada de pedra*, coloca em questão – com todas as ambiguidades que poderíamos aí ler, ou seja, ocupando um espaço ambíguo em que se nega ao mesmo tempo que se afirma – a singularidade de um percurso histórico e cultural que, ao fim, sempre esteve entremeado por uma forte interlocução com outros povos, sejam aqueles imediatamente fronteiriços, sejam aqueles que, distantes, para além do oceano, aí também devem ser contados.

E por que falo em ambiguidade? Porque ainda me restam dúvidas se a alegoria da península a romper o mar efetivamente consegue ultrapassar a ideia da singularidade lusitana na forma como pensada pelo Estado Novo e mesmo se contrapor a ela, ancorada que estava na ideia de um povo navegador por excelência; se tem forças para por em causa o forte imaginário lusotropicalista com o qual, ao se apropriar do pensamento freyriano, o regime tentou forjar sua face a partir dos anos cinquenta do séc. XX. Refiro-me aqui, como não poderia deixar de destacar, à forma como Gilberto Freyre pensa o processo colonial português, desde a publicação de *O mundo que o português criou* (1940), mas, sobretudo, em *Aventura e rotina: suges-*

² A expressão “orgulhosamente sós” foi utilizada pelo ditador António de Oliveira Salazar, em um discurso de 1965, para destacar o fato de que os portugueses lutavam sozinhos na guerra para manter suas colônias em África. Tornou-se, todavia, um símbolo do isolamento do regime, associando-se a uma prática antiga de autointerpretação de Portugal, na qual o país era apresentado de costas para os interesses externos (da Europa e mesmo do restante da Ibéria), voltando-se de frente para o mar. A parte do discurso em que tal expressão aparece pode ser conferida em Salazar (2010).

tões de uma viagem à procura de constantes portuguesas de caráter e ação (1953) e *Um brasileiro em terras portuguesas* (1953). Em resumo, retornando à minha indagação anterior, até que ponto a alegoria da jangada substancialmente consegue virar este jogo ideológico profundo constantemente reavivado pela força de vozes conservadoras, que pretendem mascarar como diálogo aquilo que sempre se pretendeu como monólogo?

Claro está que minha indagação não se dirige àquilo que seria o projeto transibérico de Saramago, na forma como ele ardorosamente o defendeu, sobretudo em seus textos de intervenção, como tentei destacar convocando o diálogo com Sáez Delgado e Baltrusch, por exemplo. Não se dirige mesmo à própria configuração de um romance que metonicamente espelha a viagem peninsular na viagem de suas personagens, homens e mulheres que descobrem a si mesmos e aos outros enquanto circulam por territórios e paisagens diversas no largo mapa daquilo que, no texto, passou a ser ilha: da secura de Orce a Lisboa, das margens do Mondego à Galiza. Dirige-se talvez à tentativa de saber se tal projeto ainda encontra forças hoje, mais de trinta anos depois de seu esboço, para efetivamente gerar uma nova compreensão para as dinâmicas socioculturais que forçosamente decorrerão da ressaca colonial ibérica e, por que não dizer, já agora, europeia? Será capaz de acolher, em suas matrizes, aquilo que hoje é a força de uma Lisboa negra – a qual, diga-se de passagem, sempre existiu – cada vez mais presente, em evidência, na música, na literatura e em múltiplas formas de arte? Uma Espanha que se depara a cada ano com maior presença, ao menos na região de Barcelona, de uma população latino-americana – venezuelanos, equatorianos... – em fuga da pobreza ou em busca de melhores condições de vida?

Gostaria, todavia, de terminar esta intervenção com uma perspectiva positiva, reiterando minha crença na força do pensamento social que sempre pude ler nos textos de José Saramago, autor que

tive o prazer de conhecer ainda bastante jovem – no caso, eu jovem, estudante de graduação nos bancos da Faculdade de Letras da UFRJ, e ele um autor desconhecido para a academia sueca – e, para tanto, convoco as palavras de Gerardo Pisarello, em seu artigo “¿Un republicanismo trans-ibérico?” (2021), que nos animam a confiar em um futuro mais límpido, ao indicar que as possibilidades do transiberismo são hoje imensas e que ele,

Na verdade, poderia ser não apenas um antídoto efetivo para o internacional neofascista que os Bolsonaros, os Trumps ou o Abascal do dia sonham. Também poderia contribuir para a construção de uma nova ordem global menos imperial, menos colonial, mais policêntrica e mais republicana, no auge dos tempos. (PISARELLO, 2021, s.p., tradução nossa)³.

Sem dúvida alguma, a melhor forma de comemorarmos esses cem anos do nascimento de um intelectual como José Saramago é dar voz às suas indagações, é acreditar, mesmo que por um caminho utópico, na possibilidade de transformação dos homens e do mundo.

RECEBIDO: 16/06/23 APROVADO: 27/06/23

REFERÊNCIAS

BALTRUSCH, Burghard. A jangada da Europa à deriva – apontamentos sobre a actualidade d’A Jangada de Pedra de José Saramago, *I Cátedra Internacional José Saramago*, Vigo, 04 mar. 2017, acesso em 10 mar. 2022.

³ No original: “De hecho, no solo podría ser un eficaz antídoto a la internacional neofascista con la que sueñan los Bolsonaro, los Trump o los Abascal de turno. También podría contribuir a la construcción de un nuevo orden global menos imperial, menos colonial, más policéntrico y más republicano, a la altura de los tiempos.”

DELGADO, Antonio Sáez. Saramago, transiberista. In: REIS, Carlos (org.). *José Saramago: nascido para isto*. Lisboa: Fundação José Saramago, 2020, p. 47-61.

FEYRE, Gilberto. *Aventura e rotina: sugestões de uma viagem à procura de constantes portuguesas de caráter e ação*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.

FEYRE, Gilberto. *O mundo que o português criou*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1940.

FEYRE, Gilberto. *Um brasileiro em terras portuguesas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.

PESSOA, Fernando. Problema ibérico. Disponível em <http://arquivopessoa.net/typographia/textos/arquivopessoa-1226.pdf>, acesso em 02 nov. 2022.

PISARELLO, Gerardo. ¿Un republicanismo trans-ibérico?”, *CTXT: Contexto y acción*, Madrid, n. 271, s.p., abril 2021. Disponível em: <https://ctxt.es/es/20150115/redaccion/36/Cuentas-qui%C3%A9nes-somos.htm?tpl=11>, acesso em 06 mar. 2022.

SAID, Edward W. *Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993*. Trad. Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

SALAZAR responde às pressões dos Estados Unidos. [S. l.; s. n.], 27 abr. 2010, 1 vídeo (1 min 13 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4RXsQ8x76fw>. Acesso em 02 dez. 2022.

SARAMAGO, José. *A jangada de pedra*. Lisboa: Caminho, 1986.

SARAMAGO, José. *As pequenas memórias*. 2ª. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2006/2017.

SARAMAGO, José. Meditação sobre uma jangada, *Blimunda*, Lisboa, n. 55, p. 96-105, dezembro 2016. Disponível em: https://blimunda.josesaramago.org/_blimunda/wp-content/uploads/Blimundas_pdfs/BLIMUNDA-55-5.pdf, acesso em 02 mar. 2022.

SARAMAGO, José. *O ano da morte de Ricardo Reis*. 8ª. ed. Lisboa: Caminho, 1984.

SARAMAGO, José. Prólogo. In: MOLINA, César Antonio. *Sobre el iberismo y otros escritos de literatura portuguesa*. Madrid: Ediciones Akal, 1990. Disponível em <https://estadoiberico.wordpress.com/2016/12/01/bibliografia-iberista-x-mi-iberismo-jose-saramago-1990/>, acesso em 07 mar. 2022.

MINICURRÍCULO

SILVIO RENATO JORGE é Doutor em Letras e pela UFRJ, com estágios de Pós-Doutorado na Universidade de São Paulo e no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Professor Associado da Universidade Federal Fluminense, coordena o projeto CAPES/Print/UFF História, circulação e análise de discursos literários, artísticos e sociais. É coordenador do Grupo de Pesquisa UFF/CNPq Perspectivas Pós-Coloniais: literaturas e culturas em língua portuguesa e bolsista de Produtividade em Pesquisa nível 1C do CNPq, órgão no qual também atua como membro do Comitê Assessor da área de Letras e Linguística. Foi Coordenador Adjunto da Área de Linguística e Literatura da CAPES (2016-2018), presidente da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Letras e Linguística - ANPOLL (2010-2012) e presidente da Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa - ABRAPLIP (2003-2005). Publicações a destacar: o livro **Sobre mulheres e estrangeiros**: alguns romances de Olga Gonçalves (EdUFF, 2009), a co-organização da coletânea **Literaturas insulares**: leituras e escritas de Cabo Verde e São Tomé e Príncipe (Afrontamento, 2011) e de três volumes da coleção **Trânsitos e fronteiras literárias** (Editora UFRR/ Edições Makunaima, 2020).